

 <small>INSTITUTO FEDERAL ESPÍRITO SANTO Campus Cachoeira da Povoação</small>	Nome Completo: Ana Luiza Oliveira Passabon Nome Completo: Ana Rosa Estefanato de Almeida		
	Professor (a): Marcela	Disciplina: Sociologia	4º Ano – Turma: Informática

Valor: 10,0

Tirou: \_\_\_\_\_

#### BLOCO I

4 . Marx, Weber e Durkheim podem ser considerados os principais teóricos clássicos da sociologia. Entre os temas sobre os quais todos os três pensadores trataram está o trabalho. Escolha um dos três pensadores e explique, de forma sintética, a análise que este sociólogo faz do trabalho.

Na ótica marxista, diferente da de outros filósofos, a divisão do trabalho é tida como fator de exploração e alienação do trabalhador na sociedade capitalista. Segundo ele, quanto mais específico e repetitivo for o ofício realizado, mais alienado o trabalhador estará de sua atividade e condição. É o mesmo que dizer que ele terá menos conhecimento do valor de seu trabalho e da exploração que sofre ao vender sua força laboral para o patrão. Para Marx, a sociedade é dividida em duas grandes classes: o proletariado — que detém a força de trabalho — e os donos dos meios de produção, a burguesia, que toma o proletário assalariado como base da exploração do modelo capitalista de produção, sendo essa a atividade central para a perpetuação das relações sociais entre patrões e trabalhadores e, por conseguinte, entre dominantes e dominados.

#### BLOCO II

6 - (Ufpr 2015)



Cena do filme Tempos Modernos, gravado em 1936.



Produção robotizada em montadoras de automóveis.

Na primeira imagem, uma cena do filme Tempos Modernos, com Charles Chaplin, retrata o trabalho nas fábricas fordistas no século XX, considerado o século da produção em massa. Na segunda imagem, observa-se a produção de automóveis realizada por robôs. Estabeleça uma comparação entre o fordismo e a acumulação flexível, ressaltando os problemas tecnológicos e econômicos que explicam as mudanças na maneira de trabalhar e produzir no século XXI.

O fordismo foi um modelo de produção caracterizado pela padronização, produção em massa e trabalho repetitivo em linhas de montagem. Nesse sistema, o trabalhador realizava tarefas simples e repetitivas, o que gerava alienação, pois ele não participava de todo o processo produtivo nem tinha controle sobre o produto final. Apesar disso, o emprego era mais estável, com direitos trabalhistas assegurados e salários relativamente melhores: para que qualquer insatisfação dos trabalhadores com seu sistema fosse contida, buscou-se oferecer melhores condições de vida. Afinal, o trabalhador com mais dinheiro e com mais tempo para gastá-lo era bom para os negócios, e o objetivo era manter o consumo em alta.

Com a crise do fordismo e o avanço tecnológico, surgiu a acumulação flexível, marcada pela automação, informatização e globalização. A produção passou a ser voltada à demanda do mercado, com flexibilização do trabalho e busca constante por inovação. Nesse novo regime, as empresas reduziram custos por meio da terceirização e da contratação temporária, o que gerou maior vulnerabilidade do trabalhador e diminuição da empregabilidade estável.

Os principais problemas tecnológicos e econômicos que explicam essas mudanças estão ligados à automação e à digitalização acelerada, que substituíram o trabalho humano por máquinas e sistemas inteligentes, provocando desemprego estrutural e exigindo requalificação constante dos trabalhadores. Além disso, a rápida obsolescência das tecnologias e a globalização intensificaram a competição internacional, forçando as empresas a reduzir custos e buscar maior eficiência produtiva. Economicamente, esse processo contribuiu para a desindustrialização em vários países e para o crescimento da precarização do trabalho, marcada por contratos temporários, informalidade e ausência de direitos trabalhistas. Soma-se a isso o aumento das desigualdades sociais, já que apenas uma parcela da população tem acesso à formação e às ferramentas necessárias para acompanhar o ritmo tecnológico.

Ou seja, ao mesmo tempo em que a transição do fordismo para a acumulação flexível aumentou a produtividade e a diversidade de produtos, também intensificou a precarização das relações trabalhistas e a instabilidade no emprego, agora marcada pela pressão constante por adaptação e eficiência.